

EVOcando ALMEIDA GARRETT

Mário PIRES

Deve ter sido amplamente comemorado em Portugal, no ano passado, o bicentenário do nascimento de uma das suas mais expressivas figuras literárias, Almeida Garrett - de nome completo João Batista da Silva Leitão de Almeida Garrett -, considerado o introdutor do romantismo em seu país. Nasceu na cidade do Porto em 1799, viveu apenas 55 anos, pois faleceu em 1854, deixando uma vasta obra de homem probo, inteligente e culto.

Lembre-se, de início, que a histórica cidade do norte de Portugal tem seu nome vinculado à época heróica das descobertas marítimas pela participação nelas de alguns de seus filhos: Gil Eanes dobrou o cabo Bojador; os irmãos Brás, Antônio e Gonçalo Cubas, vieram para o Brasil em 1531, fundando o primeiro a cidade de Santos; mas o maior feito foi o de Fernão de Magalhães, que, em 1519, como capitão de cinco navios, viajou para o sul do continente americano e descobriu a passagem entre os oceanos Atlântico e Pacífico, que ficou denominada “Estreito de Magalhães”; depois, pelo Pacífico, seguiu viagem, chegou às Filipinas, vindo a morrer nas mãos dos indígenas, em 1521.

Mas, voltemos a Almeida Garrett. Descendia ele de uma nobilitada família de magistrados e clérigos; fez as humanidades sob a direção do tio, o bispo D. Frei Alexandre da Sagrada Família; nesse meio religioso ia crescendo com o gosto da leitura, mas também precoce no amor, como em tudo, quando ama sua Lília da ode anacreônica...

Com os pais nos Açores e nas férias do curso de Direito, esse período vem a ser decisivo em sua vida. Será sempre um insatisfeito moderado, um homem de paixões e de estros soffreados. Socialmente romântico, metido em amores infelizes (um casamento impensado e

precoce, uma ligação séria mas mundanamente impraticável), foi também temperalmente um pouco romanesco, mas de boa consciência moral e juízo retilíneo.

Garrett viveu em Coimbra a atmosfera ideológica da primeira revolução portuguesa (1820), escrevendo uma tragédia patriótica. Metido num processo pela publicação julgada escandalosa do seu “Retrato de Venus”, ele próprio se encarregou da defesa. Já era o orador de rasgo, o homem dos círculos íntimos e dos grandes auditórios cívicos.

Em 1823 foi obrigado a exiliar-se na Inglaterra, onde teve a experiência da alta burguesia e da grande cidade, Londres. Depois, Paris, onde viveu numa mansarda. Depois, com Herculano alinha-se nos batalhões do Exército Libertador.

O triunfo do Liberalismo abriu-lhe efemeramente as portas da carreira diplomática com uma missão a Londres. Torna-se o inspirador cultural da revolução de setembro de 1836. Criou o Teatro Nacional e o Conservatório. Escreveu peça para adestrar os atores e dar incentivo aos alunos. Tornou-se parlamentar, cronista-mor do Reino e ministro dos Estrangeiros.

Garret extrai dessa vida febril e dispersa um mel bastante amargo, que transforma em arte, sociabilidade, elegância e confiança. É sempre autêntico e natural ver-sejando. Seu “canto de cisne” poético, são as “Folhas Caídas”.

Sua obra prima da dramaturgia vem a ser a famosa “Frei Luis de Sousa (1844), o drama da bigamia a que é imolada uma rapariga precoce, vítima de uma adultério involutário.

Garret é primoroso na sua obra, original na sua pessoa, quase genial na sua vida. Irradia um ardor no que escreve, qualquer coisa de Goethe, flama de Camões, que trocou a épica pela tragédia.

A sua figura, que a voga no século XIX chegou a nivelar com Camões, é, sem dúvida, uma das maiores da literatura portuguesa.

Assim, falar de Garrett é relembrar a rica literatura portuguesa, notadamente do século XIX, que a nobre terra lusitana deu ao mundo das letras, intelectuais de alto coturno. Mas, o autor de “Frei Luís de Souza”, teve, também, seus ídolos, como Filipe Elísio, que viveu entre os séculos

XVIII e XIX, o “último legítimo árcaide” da literatura nacional. Suas epístolas e odes inspiraram Garrett.

Diz um autor, que este foi “grande admirador de Filinto, que lhe inspirou a tragédia clássica “Camões.”

Em 1825, no “Camões”, poema narrativo em verso branco (não rimado), Garrett canta as amarguras e a saudade do exílio, que eram as suas e as do próprio Camões.

Do mesmo ano, outro poema em verso branco, “D. Branca”, anuncia formalmente o propósito de abandonar o estilo clássico. O poema lembra a conquista do Algarve aos mouros. Também são arcádicos, os poemas líricos reunidos na “Lírica de João Mínimo” publicada em Londres, em 1829.

O “Flores sem Fruto”, o autor se encontra com alguns dos pré-românticos na simplicidade do verso e do tema, no uso da rima e até da redondilha: “Por teus olhos negros, negros, / trago eu negro o coração / de tanto pedir-lhes amor / e eles a dizer que não.”

O período que medeia entre as “Flores sem Frutos” e as “Folhas Caídas” é o de melhor fecundidade e qualidade da obra de Garrett, tanto no verso como em prosa.

Em 1845 é publicado o 1º volume de “O Arco de Santana”, cujo tema é a revolta do Porto contra o senhor feudal, que era bispo. Os burgueses são apoiados pelo rei, que se chamava D. Pedro e o seu caudilho é o próprio filho do bispo, que ignorava esse parentesco.

Mas já “As Viagens na Minha Terra” (1846), livro singular em toda a literatura portuguesa, nos oferecem o primeiro exemplo de romance contemporâneo.

Nenhum outro escritor português foi tão longe na análise psicológica, nem encontrou, por outro lado, um instrumento tão finalmente forjado para esta penetração como é o diálogo de Garrett, cheio de suspensões, de sentidos duplos, de insinuações que não chegam a formular-se.

A prosa de Garrett, como o seu verso, é radicalmente dramática.

Herdou também o projeto arcádico, inspirado por um espírito de reforma social e política, de criar um teatro nacional.

Estão geralmente esquecidas, mas não merecem menos apreço do que, por exemplo, as peças de Vitor Hugo.

Desta série destacamos o “Frei Luís de Souza”, obra realmente fora de série tanto no teatro do autor como em relação ao teatro romântico europeu.